



*José Cardoso Pires*

## O POLÍCIA PADRÃO E O CAPITÃO MALTÊS

**A**ntigamente é que sim. Antigamente é que havia polícias “com eles no sítio”, que distribuíam porrada pelo cidadão com verdadeiro convencimento e aí do juiz que lhes aparecesse pela frente a papaguear bons modos.

Nesse tempo, Lisboa era uma festa desde o Cais do Sodré à esquadra da Praça da Alegria (sem contar com as dos Anjos, Ajuda, Mercês e outras de nome piedoso), enquanto o capitão da Polícia, Maia Loureiro, ilustrava as noites do cabaré Arcádia numa paisa-

zão, quando há dias o tribunal de Cascais condenou a três anos de calabouço um subchefe da PSP chamado Padrão por excesso de zelo e de porrada paternalista.

Condenar um subchefe? Que é isso? Num subchefe não se toca nem com uma flor e muito menos neste que, a começar pelo nome e pelo comportamento tradicional, é um polícia-padrão que não se deve discutir. Já não digo que o homem, em vez de condenado, fosse reproduzido em platina como o metro-padrão que está no museu de Sèvres e que o pusessem em vitrina no Centro Cultural de Belém como referência universal do sistema da ordem pública. Não, não vou tão longe. Mas, já que não souberam dar valor aos seus métodos, que o transferissem para a polícia do Brasil por troca com um craque do futebol: assim sempre se dava uma ajudinha à limpeza das crianças vagabundas que há por lá e poupávamos umas divisas aos clubes cá da terra.

Vendo bem, o que desgraçou Padrão foi o seu tradicionalismo profissional. Verdade. Antes dele, centenas e centenas de agentes da ordem pública varreram o país à bordoadá, com especial referência para o famigerado capitão Maltês que comia estudantes ao pequeno-almoço, bem passados a gás lacrimogéneo.

Maltês comeu, espancou e gargalhou até ao 25 de Abril, mas quando viu a revolução na rua lavou os dentes muito bem lavadinhos e foi-se apresentar em sentido a Salgueiro Maia, que comandava as tropas rebeldes no Terreiro do Paço. Como só era bom para bater em desarmados, mandaram-no dirigir o trânsito para uma esquina qualquer, e a partir daí ficou todo sorrisos para o resto da vida.

Padrão, coitado, só aprendeu metade da lição do mestre. Estudou, como ele, pela cartilha do bota-abaxio, que era a mais canónica e a mais sentimental para os espíritos de autoridade convicta, e agarrado a esses princípios, subiu até subchefe.

Subchefe. Nada mau. Dali até ultrachefe, bastariam mais uns anos, se os cálculos não lhe estavam errados.

Mas estavam. Ao contrário do seu mestre Maltês, não lhe apareceu pela frente uma revolução, que teve mais que fazer do que se preocupar com ele, mas um Estado de Direito com magistrados que não se acagaçavam diante da Polícia como os juizes dos Tribunais Plenários de antigamente. Além disso, já não encontrou censura à Imprensa nem à rádio nem à televisão que o protegesse, e essa coisa de ser guardavindalador por conta própria também há muito que tinha perdido a sua lenda. O mundo de Padrão era outro, ele é que, coitado, não sabia.

Estremunhado, acordou numa sala de tribunal a prestar contas do seu sonho de glória. Em vez de louvores ou de medalhas de bravura deram-lhe cadeia e, como profissional cumpridor até ao sacrifício do semelhante, Padrão não compreendeu. Protestou, naturalmente. Recorreu da decisão dos juizes e provavelmente ainda é capaz de apanhar pena suspensa, julga ele, porque um subchefe é um apóstolo da ordem pública, sejam quais forem as suas maneiras.

Mas se, como determinou a sentença, ficar enjaulado durante três anos com a maralha da pior espécie, ou se transforma todo em sorrisos como o seu mestre Maltês ou faz da vida rotineira da prisão um festival de porrada digno de menção honrosa. ●

**O que desgraçou o subchefe Padrão foi o seu tradicionalismo profissional. Antes dele, centenas e centenas de agentes da ordem pública varreram o país à bordoadá, em especial o famigerado capitão Maltês que comia estudantes ao pequeno-almoço, bem passados a gás lacrimogéneo.**

gem de prostitutas espanholas, embaladas em boleros e paso-dobles.

Hoje não. Hoje, polícias-polícias só no Brasil, onde os agentes dos Esquadrões da Morte desenvolvem uma luta profiláctica para eliminar os viciados da pobreza e manter a Ordem e o Progresso como deve ser.

Pois é. Mudam-se os tempos, mudam-se os polícias e por essas e por outras é que o País está como está. Apesar disso, ainda houve pessoas de bem que ficaram surpreendidas, e com ra-